

**Ascese da escuta:
a escuta do canto das sereias
como uma prática do cuidado de si**

ANDREA ALMEIDA CAMPOS*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo identificar um canto do poema épico *Odisseia* do poeta grego Homero (séc. IX a.C), mais especificamente, aquele que trata da prescrição da deusa Circe quanto ao modo de escuta do canto das sereias pelo herói Ulisses em seu périplo de retorno a Ítaca, como um exemplo de ascese através da escuta. Neste trabalho, segue-se o que foi prognosticado por Michel Foucault nos seminários por ele ministrados no Collège de France em 1982, partindo da hipótese de que a ascese através da escuta integra um processo de subjetivação. Para tanto, o estudo foi dividido em quatro seções. A primeira faz apontamentos sobre a oralidade e a escuta na cultura grega antiga, a segunda, localiza a escuta na hermenêutica do sujeito, a terceira analisa-a como modo de subjetivação e a quarta como prática do cuidado de si. Nas conclusões, confirma-se a hipótese inicial, alargando-se o seu escopo.

Palavras-chave: Hermenêutica; Estética da Existência; Subjetivação; Grécia Antiga; Odisseia; Michel Foucault.

Ascesis of listening: listening to the song of the sirens as a practice of self-care

Abstract: This article aims to identify a song from the epic poem *The Odyssey* by the Greek poet Homer (9th century BC), more specifically, the one that deals with the goddess Circe's prescription regarding the way in which the hero Ulysses listens to the song of the Sirens on his journey back to Ithaca, as an example of asceticism through listening. This work follows what was predicted by Michel Foucault in the seminars he gave at the Collège de France in 1982, based on the hypothesis that asceticism through listening is part of a process of subjectivation. To this end, the study was divided into four sections. The first makes notes on orality and listening in ancient Greek culture, the second locates listening in the hermeneutics of the subject, the third analyzes it as a mode of subjectivation and the fourth as a practice of self-care. The conclusions confirm the initial hypothesis, broadening its scope.

Key words: Hermeneutics; Aesthetics of Existence; Subjectivation; Ancient Greece; Odyssey; Michel Foucault.



* **ANDREA ALMEIDA CAMPOS** é Pesquisadora Convidada do Laboratório de Estudos de Gênero e Sexualidade (LEGS) da Université Paris 8, Paris, França; Pesquisadora Pós-Doc da Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil.

1. Apontamentos sobre a Oralidade e a Escuta na Cultura Grega Antiga

Se antes da palavra escrita, havia a palavra oral, antes da prosa havia o poema. E foi em versos que foi forjada a história mítica do povo hélade. Versos a serem recitados e escutados com ouvidos bem abertos. E esses versos conformaram as duas grandes obras de poesia épica da antiguidade, *a Iliada* e *a Odisseia*, ambas atribuídas ao poeta cego grego, Homero (929-898 a.C).

Enquanto *a Iliada* narra a Guerra de Troia, iniciada em razão do rapto de Helena, a esposa do rei grego, Menelau, *a Odisseia* narra o retorno de seu grande herói, Odisseu, em latim, Ulisses, para a sua pátria, a Ilha de Ítaca, integrando o que se denominou, na literatura grega, de *Nostos*, os poemas de regresso (LAFER, 2020). Odisseu, aquele que teve a ideia de oferecer como presente aos troianos, um cavalo, é aquele que oferece à cultura grega, a sua viagem arquetípica. E se foram precisos dez anos para que a guerra chegasse a seu termo, foram precisos mais dez anos para que Ulisses conseguisse chegar de volta a seu lar.

Nessa sua odisseia, Ulisses foi desafiado por ninfas, ciclopes, monstros e, também, por sereias. E sobre como resistir a esses seres híbridos, as sereias, que seriam metade humanas, metade pássaros, na representação grega (apenas, posteriormente, consolidou-se a representação nórdica, passando a serem simbolizadas como metade peixes) que a deusa Circe no Canto XII do poema, faz a seguinte advertência a Ulisses:

Pois bem; atende agora, e um deus na mente /Meu conselho te imprima. /Hás de as sereias/ Primeiro deparar, cuja harmonia /Adormenta e fascina os que as escutam: /Quem se aproxima estulto, esposa e filhos / Não regozijará nos doces lares; /Que a vocal melodia o atrai às várzeas,

/Onde em cúmulo assentam-se de humanos /Ossos e podres carnes. /Surde avante; /As orelhas dos teus com cera tapes, /Ensurdeçam de todo. /Ouvi-las podes/ Contanto que do mastro ao longo estejas /De pés e mãos atado; e se, absorvido/ No prazer, ordenares que te soltem, /Liguem-te com mais força os companheiros. (HOMERO, 2009, p. 133-134)

Dizia-se que aqueles que fossem seduzidos pelos cantos das sereias, ao irem em suas direções, teriam os seus barcos jogados contra os rochedos sobre os quais jazeriam mortos. Cantos de seres terrenos a ecoarem suas vozes divinas. Era preciso resistir a esse caminho trágico no qual a experiência do prazer seria seguida pela morte fatídica. A escuta desse canto faria todos os sentidos do corpo serem tomados por extasia extrema a transbordar nos limites da alma. Era, portanto, preciso resistir, era preciso não ouvir e se ouvisse, ser contido, uma vez que, por si mesmo, seria impossível conter-se. E essa contenção atendia entre os gregos a “uma estética geral da existência, onde o equilíbrio corporal será uma das condições da justa hierarquia da alma” (FOUCAULT, 2007, p. 95).

A cultura grega clássica estava envolta em oralidade e, por conseguinte, na prática da escuta. Em grande parte dos diálogos platônicos, há um narrador que conta a terceiros os diálogos protagonizados por Sócrates. Aqueles que escutam o narrador com atenção e avidez, pontuam o seu testemunho com indagações. O próprio Sócrates era um exímio praticante da escuta como se observa no diálogo platônico *Fedro* (PLATÃO, 2015, p. 31-109). Ansiando por bem escutar a leitura de seu interlocutor, Sócrates dirige-se à sombra de um plátano fora da cidade e, caminhando sobre a relva, diz a Fedro:

“Assim, agora que cheguei aqui, pretendo deitar-me; quanto a ti, deves escolher posição em que achas que poderás ler o mais facilmente e se pôr a ler”. Ao que Fedro redargui “Pois, ouve”. Em total silêncio e sem interrupções, Sócrates escuta, atentamente, a leitura de Fedro e, ao final, tece as suas impressões:

É prodigioso, meu amigo, deixou-me extasiado. E isso eu devo a ti, Fedro, pois enquanto te observava pude perceber que te deleitavas com o discurso à medida que o lias. Assim como creio que tens um maior entendimento do que eu nessas matérias, acompanhei-te e associei-me a ti nessa exaltação divina. (PLATÃO, 2015, p. 41-42)

Nessa breve impressão, Sócrates nos presenteia com a sua técnica para o bem ouvir. Elege uma posição de escuta. Aquela que o imobiliza horizontalmente, propiciando que o discurso a ser escutado bem o penetre, circule e trabalhe em si. Revela a intensa atividade embutida na passividade daquele que se põe a escutar: Sócrates estava não apenas atento às palavras pronunciadas por Fedro, mas também, observava a sua disposição corporal diante dos conteúdos que eram lidos, as emoções que o tomavam na medida em que as palavras eram ditas.

A humildade do ouvinte diante daquele que fala também se faz presente, uma vez que é aquele que alteia um discurso que melhor faz entendimento deste. O que faz uso das palavras faladas é o que maior intimidade tem com a história e o sentido de cada uma delas. Ainda assim, o que prevalece no ouvinte Sócrates é a empatia, é o associar-se às palavras e ao sujeito que fala, partilhando dos sentimentos despertados por seu discurso.

Sócrates agradece a Fedro pelo proferimento de suas palavras, por tê-las recebido através da escuta: o discurso como dádiva e a escuta como aceitação desse presente.

Assim como Ulisses deve estar imobilizado para bem escutar as sereias, Sócrates, assim, também se coloca, irmanando as práticas da escuta grega dentre as fases arcaicas, míticas e aquela inaugurada pela filosofia. Em uma cultura atravessada pela oralidade na qual o poeta Homero cantava os seus versos inaugurando a cultura grega em poemas épicos e o filósofo Sócrates realizava a maiêutica através de seus discursos posteriormente transcritos por Platão. A tradição e a incorporação dessas falas atuando como um modo de subjetivação do homem grego não seria possível se essa cultura não houvesse forjado uma ascese da escuta.

Uma ascese da escuta como prática de si, como recolhimento de saberes. Como conhecimento e técnica inextricáveis para o que conformaria a ética de sua existência: o cuidado de si e o conhecimento de si mesmo. Era pela escuta que se iniciava a constituição do sujeito ético grego, conformava-se a sua política e inaugurava-se a sua história.

2. Pontuações sobre a Escuta na *Hermenêutica do Sujeito*

De janeiro a março de 1982, o filósofo Michel Foucault, no Collège de France, em sua cátedra intitulada de *História dos Sistemas de Pensamento*, ministrou o curso *A Hermenêutica do Sujeito*. As aulas proferidas foram compiladas e, hoje, integram um livro de mesmo nome. O ensino no Collège de France, ainda atualmente, exige que a cada ano os professores catedráticos apresentem uma pesquisa original, obrigando-os a estarem em constante renovação de seus projetos de pesquisa.

Esta exigência sempre esteve apropriada aos estudos e aos métodos foucauldianos, cujo pensamento, sempre em ebulição, primava por não ser idêntico a si mesmo. Em inícios da década de 1980, a produção de Michel Foucault já havia conhecido os métodos arqueológico e genealógico, atravessado saberes e saberes/poderes, aterrissando, então, no sujeito. Sujeito que nas palavras do próprio Foucault, sempre houvera sido o objeto imediato de seus estudos.

Para o estudo da nova problemática concernente à subjetividade, Foucault parte de um novo arcabouço teórico, aquele engendrado em torno do cuidado de si. O cuidado de si tal como forjado na Idade Clássica, na cultura helênica. A fim de interrogar a modernidade e a verdade do sujeito como sujeito de desejo, Foucault retroage à Idade Média, mas lá não encontrando as respostas para o seu problema, aterrissa na Antiguidade. Antiguidade na qual, ao invés de desejos, existem práticas, práticas que são usos, usos advindos de prescrições que não são leis.

Seria a partir do cuidado de si tal como discorrido em textos antigos como no Diálogo *Alcibiades* (PLATÃO, 2015, p. 29-98) no qual Sócrates, o filósofo do cuidado, dialoga com aquele que viria a ser general, Alcibiades, que o sujeito grego passaria a ser forjado, devendo, então, cuidar-se a fim de conhecer-se a si mesmo. O cuidado de si como tradução de uma noção grega bastante vasta e complexa que recebe a denominação de *epiméleia heautoû*.

Na compreensão de Foucault (1982), mesmo que no centro dos preceitos délficos estivesse o “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seutón*), este, em

realidade, estaria subordinado à *epiméleia heautoû*, “cuida de ti”, tendo adquirido, historicamente, maior centralidade no discurso devido à ascensão da racionalidade na filosofia, sobretudo a partir de René Descartes. O momento cartesiano teria requalificado filosoficamente o “conhece-te a ti mesmo” e em contrapartida, desqualificado o “cuida de ti”. Mas é a esse tempo anterior ao momento cartesiano, habitado pela antiguidade grega, que Foucault retorna, voltando à supremacia do “cuidado de si”.

Cuidado de si como atitude geral, relação consigo mesmo e um conjunto de práticas e experiências que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, o preço a ser pago para o acesso à verdade. Como uma dessas práticas que integram o cuidado de si, está a ascese. A ascese como uma transformação de si que é condição necessária para este acesso à verdade, para a subjetivação do discurso verdadeiro. E a primeira das práticas para a ascese é a escuta. Será, então, sobre a escuta como prática de subjetivação, sobre os exercícios de escuta que tratará a aula de Foucault do dia 03 de março de 1982.

Curiosamente, pelo fato de as aulas tomarem lugar em grandes anfiteatros, os alunos que frequentam as aulas do Collège de France, portanto, também os alunos do curso de Foucault, são chamados não de alunos, mas de “ouvintes”.

Posteriormente, em 1984, o terceiro volume do que viria a ser a quadrilogia do último empreendimento genealógico de Michel Foucault, *História da Sexualidade*¹, é intitulado de *O Cuidado de Si*. Nele, Foucault continua a sua

¹ O projeto da descrição genealógica realizada em *História da Sexualidade*, originariamente,

compreendia seis volumes, passando, posteriormente, a englobar quatro livros. No

ruptura metodológica levada a cabo no seu volume 2, qual seja *O Uso dos Prazeres*, também tendo sido trazido à estampa em 1984. Voltando ao sujeito como objeto privilegiado de seus estudos, *O Cuidado de Si*, para além do retorno à Idade Média, período, inicialmente, aventado pelo filósofo para a sua descrição genealógica, como aqui já o dissemos, retroage aos dois primeiros séculos de nossa Era, a fim de compreender as práticas gregas relacionadas a uma “estética da existência”.

Ampliando as análises encetadas em seus seminários sobre a hermenêutica do sujeito no Collège de France em 1982, Foucault examina, nos volume 2 e 3 da *História da Sexualidade*, os processos de subjetivação, dentre os quais, aborda o trabalho da alma, uma vez que “o que convém aos adultos é um regime completo da alma e do corpo...tratar de acalmar as próprias pulsões (*hormai*), e de fazer de forma que nossos desejos (*prothumiai*) não ultrapassem nossas próprias forças” (ATHÉNÉE apud FOUCAULT, 1985, p. 137), realizando-se, assim, a ascese do sujeito em seu caráter central, qual seja, na sua relação com a verdade.

3. A Ascese da Escuta como Modo de Subjetivação

A ascese como prática de si na cultura greco-romana distingue-se acentuadamente do que viria a ser a ascese no cristianismo em alguns aspectos. Enfatizaria o aspecto de que, enquanto a ascese cristã tem por escopo a renúncia de si, a ascese filosófica, helenística e latina, tem por finalidade

precípua colocar o sujeito, da forma mais obstinada e forte possível, como fim de sua própria existência.

Nessa ascese filosófica, a subjetivação de um discurso que seria um discurso verdadeiro passa a ser uma prática e um evidente exercício de si sobre si. Nos textos de Sêneca, encontra-se, continuamente, referência a esse processo de subjetivação do discurso verdadeiro através da apropriação dos saberes, quer fossem lidos, quer fossem escutados, tratando-se do *facere suum*, o que significa, fazerem-se suas as palavras que se ouve, de fazerem-se seus os textos que se lê.

Nessa ascese como modo de subjetivação de um discurso verdadeiro, como prática de si, o instante inaugural que teria por condão suportar todo o resto, seria "a escuta". A escuta, portanto, seria o primeiro procedimento da ascese, uma vez que é através da escuta que, primeiro, recolhe-se o logos, a palavra. É através da escuta que a palavra, inicialmente, entranha-se no sujeito, incrusta-se em seu caráter, começa a tornar-se sua (*suus*) e passa a constituir a matriz de seu *êthos* (sua regra de conduta). Os gregos, no entanto, ao reconhecerem a escuta como a prática inaugural da ascese, reconheciam a natureza profundamente ambígua da audição. Um dos textos que mais explicitamente acentua essa ambiguidade é um tratado de Plutarco (2003) denominado *De Audiendo: Tratado da Escuta*.

entanto, apenas três deles foram publicados pelo autor em vida, quais sejam, o volume 1, *Vontade de Saber*, o volume 2, *O Uso dos Prazeres* e o volume 3, *O Cuidado de Si*. Uma vez que Foucault ainda não havia finalizado as correções e notas do volume 4, *As Confissões da Carne*,

não dera autorização para que este fosse publicado após a sua morte em 1984. No entanto, após 34 anos, em 2018, o livro foi publicado, postumamente, pela Editora Gallimard na França e, em 2022, pela Editora Paz & Terra no Brasil.

Plutarco, a partir dos estudos de Teofrasto, sustenta que a escuta é, ao mesmo tempo, o mais *pathetikós* (passivo) e o mais *logikós* (aquele que recebe o logos, a palavra, de forma automática) de todos. Pode-se evitar olhar, fechando-se os olhos, pode-se evitar tocar e ser tocado, pode-se evitar degustar, mas não se pode evitar ouvir o que não se quer, evitar a escuta de uma palavra, de um som que está no mundo e nos toma em um sobressalto.

Para Plutarco (2003), portanto, na escuta, estaria a maior passividade do corpo em relação a todos os demais sentidos, sendo esse sentido, mais do que qualquer outro, capaz de enfeitiçar a alma. Não podemos controlar o que escutamos, os sons e as palavras penetram em nossos ouvidos, tomam o nosso corpo e embalam as nossas almas, tanto de forma positiva como de forma negativa. No entanto, por ser o sentido que mais do que qualquer outro pode receber a palavra, o logos, sendo, portanto, *logikós*, o ouvir é o único de todos os sentidos através do qual se pode aprender a virtude.

Na carta 108, Sêneca (2021) volta a abordar o problema da passividade na escuta, buscando demonstrar a ambiguidade da própria passividade. Nesse texto, Sêneca discorre sobre as vantagens da passividade, pois, no fundo, é bom que o ouvido se deixe penetrar independente de sua vontade e que recolha toda palavra (*lógos*) que possa estar ao seu alcance. Quer queira quer não, algo do *lógos* sempre fará um trabalho na alma do ouvinte.

Por sua vez, Epicteto (2021) afirma que é por meio da palavra escutada que se deve avançar no sentido da perfeição. É necessário escutar o logos e receber a *parádoxis* que vem a ser a palavra transmitida. E, uma vez que a palavra oral recorre a uma léxis e a escolhas semânticas, o ouvinte sempre correrá o

risco de ser, não pela coisa dita, mas pelos elementos que permitem dizê-la, cativado.

Portanto, para escutar, é preciso experiência, prática, *empeiria*. Como, por conseguinte, eliminar os efeitos nocivos de uma passividade involuntária? A primeira regra é pitagórica e, certamente, é a prática do silêncio. Escutar em silêncio, sem objetar, sem intervir, sem dar a sua opinião, sem interromper o ser falante.

Plutarco (2008) faz da aprendizagem do silêncio um dos principais caminhos para as práticas de si, para a ascese pela escuta e para a boa educação em seu *Tratado sobre a Tagarelice*. Além do silêncio, o ouvinte deve ter uma atitude ativa quanto à sua disposição corporal: é preciso que o corpo se mantenha o mais calmo possível, sem perturbações, o mais próximo da imobilidade, garantindo-se a qualidade da atenção e da transparência da alma. E a alma que escuta deve vigiar a si mesma, a despeito de deixar-se enfeitiçar pelo que lhe é falado. O silêncio, esse imprescindível, após a escuta, fará o trabalho em si do que lhe será aproveitado e o do que será descartado. No entanto, incontornavelmente, aquele que escutou, em alguma medida, sempre será pelo que foi dito, afetado.

4 A Escuta do Canto das Sereias como Prática do Cuidado de Si

Não sem motivos, a obra *Odisseia*, um poema épico que teria sido escrito pelo poeta grego, Homero, que, por sua vez, teria vivido na ilha de Ítaca há cerca de 1.000 anos a.C, e que, por ascendência, teria sido neto do rei Ulisses, era dividida em “cantos”.

O poema homérico, não importando quem o tenha escrito, foi composto para ser efetivamente contado e cantado, para integrar uma tradição oral, para ser

escutado, introjetado e repetido infinitamente. Nessa escuta subjetivava-se o homem grego, aquele afeito às suas glórias, à sua capacidade de demover obstáculos e a fazer valer o seu livre arbítrio a despeito da eventual fúria dos deuses. Versos tecidos de modo a serem memorizados através de fantásticos exercícios mnemônicos. Foi em razão desse exercício e dessas práticas que se pode afirmar que os textos que atravessaram milênios, em boa medida, sejam fidedignos ao texto do poema original.

O Canto dedicado à confrontação com as sereias é, como já foi dito, o canto XII. O mito da sedução praticada pelas sereias, através de seus cantos, e que levariam os marinheiros seduzidos, fatalmente, à morte, é atribuído ao fato de que em certas costas do mar Mediterrâneo, o barulho dos ventos, ao cortar escarpas e rochedos, assemelhava-se a um tom de voz feminina em seus agudos. Os marinheiros, então, carentes, fantasiavam estarem sendo chamados por mulheres que os aguardavam nas praias, por detrás desses rochedos.

Sobre os rochedos, geralmente, voavam pássaros, o que contribuiu para que fosse construída a imagética de que essas mulheres teriam a metade do corpo na forma de pássaros, originariamente. Ao apurarem seus barcos em direção aos rochedos, eram jogados pelos ventos contra os mesmos e morriam. Essa tragédia, portanto, dava-se em razão dessa escuta, escuta prazerosa que detinha o condão de enfeitiçá-los.

Ulisses, herói homérico da *Odisseia*, na sua empresa de retorno ao lar após o término da Guerra de Troia, fez face a um dos mais mortais desafios: o de não sucumbir ao canto das sereias. Para escapar ileso junto a seus companheiros de embarcação, seguiu as recomendações da deusa Circe: encheu

os ouvidos de seus marinheiros com cera, amarrou-se a um mastro, ordenando-lhes que, caso o percebessem clamando para ser solto e entregar-se todo às sereias, que o atassem ao mastro do navio com ainda maior força.

Mas, não escolheu por encher de cera os seus próprios ouvidos e, sim, por escutar as sereias, por não se privar da escuta do seu canto. Escolheu por ser enfeitiçado por ele, por gozar de seus prazeres, fazendo-o tal como aconselhou-o Circe, de modo a não ir de encontro aos rochedos. Mais uma vez, visitemos os versos do Canto XII da *Odisseia*, nos quais, desta vez, Ulisses nos narra como cumpriu as prescrições da deusa Circe para a prática dessa escuta:

O que a deusa das deusas me predisse, / Para informados ou morremos todos/ Ou da Parca fugirmos. Das Sereias/ Evitar nos ordena o flóreo prado/ E a voz divina; a mim concede ouvi-las,/ Mas ao longo do mastro em rijas cordas./ E se pedir me desateis, vós outros/ De pés e mãos ligai-me com mais força.”/ Mal acabava, à ilha das Sereias/ Avizinha-se a nau com vento fresco/ Avizinha-se a nau com vento fresco./ Súbito acalma, e um deus serena as ondas;/ Já ferrado no bojo o pano arreiam,/Do liso abeto ao golpe alveja a espuma./ De cera um disco a bronze em porções corto,/Forte as machuco e as amoleço ao lume/ Do Hiperião Sol, de homem por homem/ Os ouvidos entupo; ao mastro em cordas/Atam-me pés e mãos, e aos remos tornam./ Eis, a alcance de um grito, elas, que atentam/ O impelido baixel, canoro entoam:“Tem-te, honra dos Aqueus, famoso Ulisses,/ Nenhum passa daqui, sem que das bocas/ Nos ouça a melodia, e com deleite/ E instruído se vai. Constanos quanto/ O Céu vos molestou na larga Tróia, /Quanto se faz nos consta n’alma terra.”/ Destarte

consonavam: da harmonia/
Encantado, acenei que me
soltassem;/ Mas curvam-se
remando, e com mais cordas/
Perímedes e Euríloco me arroçam./
Nem já toava ao longe a cantilena./
Quando os consócios, desuntada a
cera./ Desamarram-me enfim.
(HOMERO, 2009, p. 134-135)

Era, portanto, mediante a obediência dessas prescrições para a escuta do canto das sereias que Ulisses fazia dessa prática um cuidado de si. Uma escuta na qual o recolhimento do *lógos* não se daria de modo arbitrário e no qual, na passividade do ouvinte, este exercesse o domínio de si, a sua soberania e o seu reinado, a *enkráteia*.

Veja-se que o que se afirma não é que Ulisses escolheu por não resistir "às sereias", mas sim, não se privar da escuta de seus cantos. Ulisses poderia ter escolhido por, também, como aqui já o foi dito, tapar os seus próprios ouvidos, assim como tapou os dos marinheiros de sua nau. Mas, escolheu por fazer essa escuta, por deixar ser penetrado por aquelas vozes, por recolher os seus *lógos*, por abandonar-se ao trabalho daquelas palavras em canto sobre si, por se deixar encantar, deleitar-se e por elas ser instruído. Fez sobre si o exercício do silêncio no qual não foi todo o tempo bem-sucedido, mas sabia da importância de sua imobilidade e para assim manter-se, amarrou-se ao mastro de seu navio.

Temos, então, no Canto XII de *a Odisseia* um exemplo da ascese da escuta como prática do cuidado de si. Não há como evitar escutar aquilo que nos rodeia, o canto das sereias era inevitável ser escutado, era incontornável passar pela costa da ilha na qual as sereias habitavam para que Ulisses, o herói grego que pensa, medita e reflete, alcançasse o seu destino, o seu retorno ao lar, à família e à pátria. Mas, era preciso saber livrar-se de seus efeitos

nocivos, sem deixar de recolher as suas benesses, as suas belezas e os seus fascínios. Efeitos nocivos cujo paroxismo seria o apagamento da identidade de seus ouvintes, a extirpação de seus lugares de pertencimento e, mais que tudo, sob a promessa do acesso ao conhecimento, a oferta da face mais trágica da morte: o esquecimento (LAFER, 2020).

Conclusão

Podemos perceber o quanto a prática da escuta tal como percorrida por Michel Foucault em sua aula do dia 03 de março de 1982 no Collège de France, integrava um momento inaugural dentre as práticas gregas e seus exercícios do cuidado de si a fim de que os gregos melhor se conhecessem e acessassem a verdade. Verificamos o quanto essa prática, dentre aquelas que integram o cuidado de si, a *epiméleia heautoú* que será abordada nas descrições genealógicas levadas a cabo, posteriormente, nos dois últimos volumes da *História da Sexualidade* publicados ainda em vida pelo autor, em 1984, forjava o homem grego.

Aos exemplos trazidos por Foucault, exemplos extraídos dos textos filosóficos de Platão, Sêneca e Plutarco, somamos um texto poético, um texto que os antecedeu em séculos: o poema épico de Homero, *Odisseia*. Um texto anterior às tragédias e ao pensamento filosófico, um texto mítico. Uma vez que lá, na fundação da Hélade, já estavam as práticas do Cuidado de Si. Práticas exercitadas por Ulisses para que lhe fosse possível fazer a sua travessia de Troia a Ítaca. Travessia que nada mais é do que a travessia da vida, da vida de cada um de nós. Travessia que mesmo que eivada de ameaças e obstáculos, era onde se punham a termo as práticas do cuidado de si, a estilização das atitudes prescritas para que fossem bem

engendrados o homem grego e a sua política.

Ulisses, ao permitir-se escutar as fatais sereias e ter acesso ao conhecimento por elas prometido, o faz pela ascese da escuta. Entre a passividade e o recolhimento do *lógos*, assegura-se de não fazer uma escuta de modo equivocado e pernicioso a si e aos demais. Ulisses, assim, sucumbe ao canto das sereias, deixa-se por ele ser cativado e dele ser cativo, de modo a nele não se perder, mas tocar a sua verdade.

O canto que Ulisses se permite escutar é o canto do feminino. Esse canto que, assim como no mito de Eva, faz da voz feminina a estrada que leva à árvore do conhecimento, aquela cujos frutos apenas podem ser saboreados pelos deuses. Deuses que punem aquele que prova de sua luminescência com as trevas da morte. Trevas que tragam a sua existência através de suas faces mais sombrias: aquelas que aniquilam a sua identidade e expulsam-no de seu lugar no mundo. Foi para esse canto potencializado por sua escuta, recolhido por sua escuta, apropriado em si pela audição, que Ulisses seguiu em direção. E conheceu de seu feitiço sem se deixar incorrer em erro. Porque aquele que ousa ouvi-lo é aquele que ousa aceder o saber. E é acedendo, pela escuta, o saber ofertado pelo canto feminino sem sucumbir às ilusões, que se atravessa os rochedos da morte, desafia-se o esquecimento, funda-se a memória e se inaugura a história.

Ao se permitir escutar o canto das sereias, sem entregar-se ao devaneio, Ulisses segue na direção do *lógos* feminino que ecoava em sua alma e que encontraria no beijo na boca de sua Penélope, o canto da verdade inafastável.

Referências

- EPICETETO. **Manual de Epicteto: A arte de viver melhor**. São Paulo: Edipro, 2021.
- FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2018 p. 295-315.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 2 – O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3 – O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 4 – As Confissões da Carne**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- HOMERO. **A Odisseia**. Tradução de Manuel Odorico Mendes. EbooksBrasil, 2009. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/odisseiap.pdf>. Acessado em 18 de fevereiro de 2025.
- LAFER, M. O Canto das Sereias. Disponibilizado em: https://www.youtube.com/watch?v=djGh_yiiQU. Acessado em 15 de julho de 2025.
- PLATÃO. **Diálogos III: Fedro**. São Paulo: Edipro, 2015. p. 31-109
- PLATÃO. **Diálogos VII: Alcibíades**. São Paulo: Edipro, 2015. p. 30-98
- PLUTARCO. **Como ouvir**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- PLUTARCO. **Sobre a Tagarelice e outros Textos**. São Paulo: Landy, 2008
- SÊNECA. **Cartas de um Estoico**. Vol. III. São Paulo: Montecristo Editora, 2021.

Recebido em 2025-04-29
Publicado em 2025-09-27